

SUSTENTABILIDADE: DISCURSO RECORRENTE OU INSTRUMENTO PARA MUDANÇA DE ATITUDE

Simony Colossi Spuldar¹ Yára Christina Cesário Pereira ²

Graduada em Ciências Biológicas – UNIVALI, Itajaí, Santa Catarina, Brasil.
simonycolossi@gmail.com

Dra em Educação pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), docente do Curso de Ciências Biológicas – Licenciatura da Universidade do Vale do Itajaí (UNIVALI). Itajaí, Santa Catarina, Brasil. yara@univali.com

Data de recebimento: 12/09/2011 - Data de aprovação: 15/10/2011

RESUMO

Este artigo tem como objetivo apresentar as intervenções pedagógicas realizadas com alunos do Ensino Médio da EEB XV de Junho, localizada em Itajaí/SC, cujo foco foi a educação ambiental voltada para sustentabilidade. A pesquisa no campo escolar é parte da formação docente realizada por meio da disciplina de Estágio Supervisionado: Pesquisa da Prática Pedagógica do Curso de Ciências Biológicas da Universidade do Vale do Itajaí. A investigação do potencial formativo da escola como instituição envolvida no contexto das questões sociais e ambientais viabilizou o desenvolvimento da problemática de maneira a contribuir para uma reflexão sobre o novo padrão de comportamento ético e ecológico que está cada vez mais presente no cotidiano global. E, neste contexto, perceber também o papel da mídia na formação de opinião por meio de discursos recorrentes. As metodologias escolhidas tiveram como referencial organizador as que instigassem a criticidade, valorizassem o posicionamento individual e possibilissem uma leitura integradora de mundo, tendo em vista a formação para a vivência de novos hábitos cotidianos, no presente e no futuro. As aulas teóricas e práticas geraram resultados significativos referentes à apreensão de conceitos relativos ao conhecimento ambiental como parte integral do cotidiano convertidas em atitudes responsáveis e fundamentadas na informação séria e coerente com a realidade local/global. Ao final das intervenções os alunos mostravam-se mais seguros quanto a base conceitual e conscientes em relação às pequenas/grandes escolhas que podemos fazer diariamente.

PALAVRAS – CHAVE: Sustentabilidade. Educação Ambiental. Mídia.

SUSTAINABILITY: RECURRENT DISCOURSE OR INSTRUMENT TO CHANCE ATTITUDES

ABSTRACT

This article aims to show the pedagogical interventions made with Mid Education students of the School of Basic Education XV of June, located in Itajaí/SC, whose

¹ Graduada em Ciências Biológicas – UNIVALI, Itajaí, Santa Catarina, Brasil. simonycolossi@gmail.com

² Dra em Educação pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), docente do Curso de Ciências Biológicas – Licenciatura da Universidade do Vale do Itajaí (UNIVALI). Itajaí, Santa Catarina, Brasil. yara@univali.com

focus was on environmental education for sustainability. Research in the ground school is part of teacher training conducted through the discipline of Supervised Training: Research Pedagogical Practice Course of Biological Sciences of University of Vale of Itajaí. The investigation of the potential formation of the school as institution involved in the context social and environmental issues enable the development of the problematic so as to contribute to reflection about the new pattern of ethical behavior and ecological is increasingly present in everyday overall. In this context, also perceive the role of media in the formation of opinion through speeches recurring. The methods had chosen as a reference that instigated the organizing criticality, value the individual positioning and allow an integrated reading of the world, with a view to forming new habits of everyday living, in the present and future. Theoretical and practical classes generated significant results concerning the seizure of concepts related to environmental knowledge as an integral part of everyday turned into a responsible attitude and substantiated on serious information and coherent with the local/global reality. At the end of the intervention students were more secure as the conceptual basis and aware in relation to small/large choices that we make daily.

KEYWORDS: Sustainability. Environmental Education. Media.

INTRODUÇÃO

A educação ambiental em função de sua importância global está presente em diversos setores e instituições sociais, como empresas privadas, escolas públicas e particulares e organizações ambientais. Os conceitos desta prática educacional também estão difundindo-se a partir de múltiplas instituições cujo modelo de organização é baseado no estilo de desenvolvimento característico do capitalismo (produzir mais, em menos tempo, com maior lucratividade), que nos parece, no mínimo, incoerente com propostas socioambientais.

No contexto desta pesquisa, estas propostas são entendidas, como uma rede de conexões entre temas ambientais e sociais que possa resultar em um instrumento para o efetivo exercício da cidadania, gerando relações entre pessoas com interesses socioambientais, com possibilidades de argumentações às intenções que perpassam os discursos dominantes presentes na mídia em geral. Via de regra, estes discursos fazem uso de palavras de grande apelo humanitário, talvez, com intenções de convencimento e sedução.

Esse apelo dos meios de comunicação é capaz de exercer influências na lógica de pensar e de agir da população em geral tornando possível a mudança de atitudes ou provocando a vulgarização das discussões sobre a necessidade de preservação de meio ambiente e seus recursos naturais.

Nessa perspectiva, o presente artigo apresenta um trabalho pedagógico fundamentado no enfoque da sustentabilidade e suas esferas, concretizado por meio de intervenções na Escola de Educação Básica XV de Junho, localizada no bairro Promorar, na cidade de Itajaí/SC, com a turma de 3º ano do ensino médio. As atividades realizadas fazem parte das ações formativas previstas para disciplina de Estágio Supervisionado: Pesquisa da Prática Pedagógica do Curso de Ciências Biológicas da Universidade do Vale do Itajaí – UNIVALI.

Pressupostos teóricos sobre educação ambiental fundamentaram as discussões e reflexões relacionadas às problemáticas e responsabilidades

ambientais individuais e coletivas, globais e locais tendo em vista a formação de cidadãos críticos e ativos. Neste processo de formação, é imprescindível uma base conceitual (diferentes conhecimentos e saberes) produzida no contexto social e que seja ao mesmo tempo, produtora de cultura e de valores que possam gerar um pensamento argumentativo proporcionando a capacidade de perceber no discurso recorrente dos meios de comunicação, não apenas a influência da mídia na promoção do consumismo, mas também, os interesses de determinados grupos e quais as consequências que podem gerar.

Soma-se ao exposto até então, a preocupação em relação à popularização de termos ambientais que devido à possibilidade de várias interpretações em decorrência da polissemia dos termos, pode ocultar reais intenções fazendo uso de recursos disponíveis para convencer uma comunidade a respeito do assunto a ser comunicado. Dentre os recursos, citamos a argumentação e a retórica.

Considerando que a palavra 'sustentabilidade', vem se tornando corriqueira em função das freqüentes abordagens veiculadas pela mídia, deixando explícito ou não, as reais e variadas intenções, entende-se que este fato, possa ser, um dos fatores responsáveis pela geração de diferentes resultados, quando o assunto é a conservação do ambiente natural urbano e rural, independentemente de classes sociais e níveis culturais.

Outro fator, que se considera fundamental, é a desinformação de um modo geral da população local/global, que permanece no posicionamento distanciado do papel de agente modificador e é modificado pelo ambiente cultural, levando a um des-comprometimento possível de ser percebido nas escolhas cotidianas em relação às problemáticas ambientais.

Além disso, há de se considerar que o modelo econômico capitalista enquanto referencial de organização social, vem buscando uma forma de reconciliação com a natureza por meio de um processo de percepção de consequências, bem como, fomenta análises de possibilidades futuras relacionadas aos recursos que garantem a existência e manutenção da vida no planeta.

Mas até que ponto a preocupação é com o meio ambiente, no sentido de conservar para um planeta sustentável? Talvez possa existir interesse na garantia de recursos futuros, mas quando? Na hora em que o desgaste do que havia em abundância (economia pós Segunda Guerra Mundial) se mostra incapaz de garantir a sustentabilidade? Este e outros questionamentos nortearam a escolha de referenciais para discutir o tema em questão.

O DISCURSO SOBRE SUSTENTABILIDADE E SUAS POSSÍVEIS IMPLICAÇÕES

A articulação entre política, sociedade e natureza sempre estiveram (e estão) presentes na cultura humana. O que vem mudando ao longo da história é a forma como se percebe e se lida com estas relações, deixando de discuti-la de maneira fragmentada e tendo o foco atual voltado para as interrelações e interdependências entre os seres vivos e a necessidade de buscar um manejo que garanta o equilíbrio dinâmico dos recursos naturais.

Ressalta-se, que é quase inevitável discutir sustentabilidade sem esclarecer o que se entende como desenvolvimento sustentável. E, de onde vem as diferentes premissas?

O início das discussões entre desenvolvimento sustentável e sustentabilidade, teve origem em um manifesto à exploração de florestas na Alemanha, onde Carlowitz utilizou o termo 'sustentabilidade' pela primeira vez em 1713. Tendo como

principal concepção formas de utilização do solo capazes de garantir a durabilidade de exploração deste recurso. Compreende-se que o termo adquiriu novos conceitos, pois a cada década percebe-se que não se trata de “(...) apenas uma invenção da atividade florestal: ela significa uma atitude, um posicionamento em relação ao trato da natureza como um bem renovável. Hoje se entende que uma atividade é sustentável quando, para todos os fins práticos, ela pode continuar indefinidamente.” (PAMA/MEC, 2001).

Existe uma linha tênue que separa as variáveis que permeiam o discurso sobre a sustentabilidade. Por representar uma palavra polissêmica com possíveis possibilidades de interpretações, confunde-se frequentemente, ‘desenvolvimento sustentável’, ‘crescimento sustentável’ e ‘uso sustentável’ como se fossem sinônimos e compartilhassem objetivos.

O primeiro tem por definição conforme a Comissão Mundial Sobre o Meio Ambiente e Desenvolvimento como àquele [...] “que satisfaz as necessidades presentes, sem comprometer a capacidade das gerações futuras de suprir suas próprias necessidades”, o segundo e terceiro termo se apresentam desta maneira, [...] ‘crescimento sustentável’ é uma contradição em si mesmo: nenhum elemento físico cresce indefinidamente e, ‘uso sustentável’ aplica-se somente a recursos renováveis: significa o uso desses recursos em quantidades compatíveis com sua capacidade de renovação.” (PAMA/SEF/MEC, 2001), o que para MELLO & SOUZA (2000, p.204) “[...] trata-se de intolerável contradição. O que não é renovável, uma vez usado, esgota-se para sempre.”

Anterior às propostas de sustentabilidade e desenvolvimento sustentável a IUCN (International Union for Conservation of Nature) lançou em 1980, um documento chamado “Estratégia de Conservação Mundial” que citava fatos preocupantes ante a conservação do meio ambiente. Este documento reconhecia a necessidade de diminuir a diferença de desenvolvimento entre os países, as consequências de desmatamento, da pesca predatória, e dos padrões de consumo das grandes cidades. Propunha a geração de [...] “respeito ecológico ainda ausente e, sem dúvida, devido pelas instituições econômicas”. (Mello e Souza, 2000, p.170)

Apesar das posteriores respostas positivas, a primeira reação dos críticos foi de resistência, que rotularam as idéias de ecodesenvolvimento como sendo “utópicas ou radicais” e ainda, “rota do desastre” (ibid, p.171). Em 1986, a Conferência de Otawa (IUCN) estabeleceu algumas pré-condições para a proposta de desenvolvimento, evidenciando algumas soluções e relacionando dilemas considerando os fatos reais.

Em 1987, o Relatório Brundtland, também conhecido como “Nosso Futuro Comum” apresentado pela Comissão Mundial para o Meio Ambiente e o Desenvolvimento (CMMAD), reacendeu a discussão com visões de mundo relacionadas às questões sociais, políticas e econômicas, levantando argumentações críticas e proporcionando reflexões de valores envolvendo assuntos de ética global. Este documento defendia que países desenvolvidos e países em desenvolvimento deveriam buscar um modelo econômico capaz de atender as necessidades e interesses econômicos preservando simultaneamente o meio ambiente de onde provêm seus recursos, bem como considerava o aumento populacional e a pobreza como fator diretamente proporcional aos danos ambientais como poluição e destruição de habitats devido a ocupação demográfica. (PAMA/MEC, 2001).

A partir destas colocações, entendemos que há uma grande incoerência quando da junção dos conceitos desenvolvimento e sustentável, partindo do significado construído culturalmente – desenvolvimento com significado de crescimento, processo produtivo. É possível desenvolver conservando? Como na lógica do “capital” (produzir mais, em menos tempo e com menos custo) sem fazer uso dos recursos naturais? Ou ainda, não respeitando os recursos naturais e seu tempo de renovação, recuperação e formação?

Trazendo novas e reformuladas estratégias de cuidado com o planeta, a IUCN, o PNUMA (Programa das Nações Unidas para o Meio Ambiente) e o WWF (Fundo Mundial para Natureza, lançaram em 1991, a nova versão do documento “Estratégia de Conservação Mundial” (1980), chamada de “Cuidando do planeta Terra’.

No ano seguinte, dando continuação às análises e discussões sobre as possibilidades da sustentabilidade globalizada, aconteceu no Rio de Janeiro a Conferência das Nações Unidas para o Meio Ambiente e Desenvolvimento (CNUMAD) considerada de grande importância para o planeta sustentável idealizado por chefes de estado, militantes ambientais e sociedade civil.

A ‘Conferência da Terra’ ou Rio-92, como ficou amplamente conhecida, deu origem a Agenda 21 e buscou tornar viável a propagação do desenvolvimento sustentável numa perspectiva mundial, podendo ser aplicada em diferentes dimensões, ou seja, podendo ser aplicada em países, estados, cidades, comunidades, escolas entre outros, sempre buscando atender os interesses e necessidades de cada local em questão, justificando sua nomenclatura. A Carta da Terra permaneceu por certo tempo as margens da Agenda 21, mas em 2002 foi ratificada pela UNESCO e aprovada pelo ONU. A Carta da Terra define sustentabilidade como um,

[...] sonho de bem viver; sustentabilidade é equilíbrio dinâmico com o outro e com o meio ambiente, é harmonia entre os diferentes. O primeiro contato com uma cultura da sustentabilidade é estranho, difícil, complexo porque não enxergamos a realidade dessa forma. (Carta da Terra, 2003).

O termo sustentabilidade pode apresentar múltiplos significados em torno dos quais diferentes interesses podem ser legitimados, ocultando múltiplas intencionalidades, algumas vezes, omitindo a incoerência existente entre desenvolvimento e sustentabilidade,

A própria UNESCO parece crer que o conceito de ‘sustentabilidade’ pode ser comprometedor de um acordo viável entre interesses conflitantes. Prefere a denominação ‘desenvolvimento durável’, o que muda a inflexão original. [...] ‘Durável’, introduz a inquietante preocupação de finitude (...) sustentabilidade trás a idéia de conservar, sem previsão de término. (MELLO & SOUZA, 2000, p.183 e p.184).

Se, os discursos podem ser entendidos como instrumentos geradores de práticas culturais, portanto datadas histórica e geograficamente,

a expressão sustentabilidade, continua sendo um conceito em discussão pois, muitos conceitos têm significados diferentes de acordo com o contexto e a forma como os autores que os empregam. O grande número de definições desses conceitos não impede que os consideremos essenciais para as nossas vidas. Atribuímos à eles, o conteúdo prático que lhes conferem nossos princípios e valores sociopolíticos. (GADOTTI, 2008, p.14).

REIGOTA (2007), por sua vez, entende que a sustentabilidade pressupõe,

a mudança do sistema econômico em seus fundamentos capitalistas. [...] a sociedade sustentável é uma sociedade utópica no sentido estrito do termo. Implica ainda, [...] uma dimensão política, social, cultural e biológica e que exige uma extensiva produção e difusão de conhecimentos e de princípios ético-políticos nos espaços das práticas sociais cotidianas. Dessa forma, é na produção de conhecimentos transdisciplinares sobre a sustentabilidade que se dá o primeiro embate político para a sua concretização (p.223).

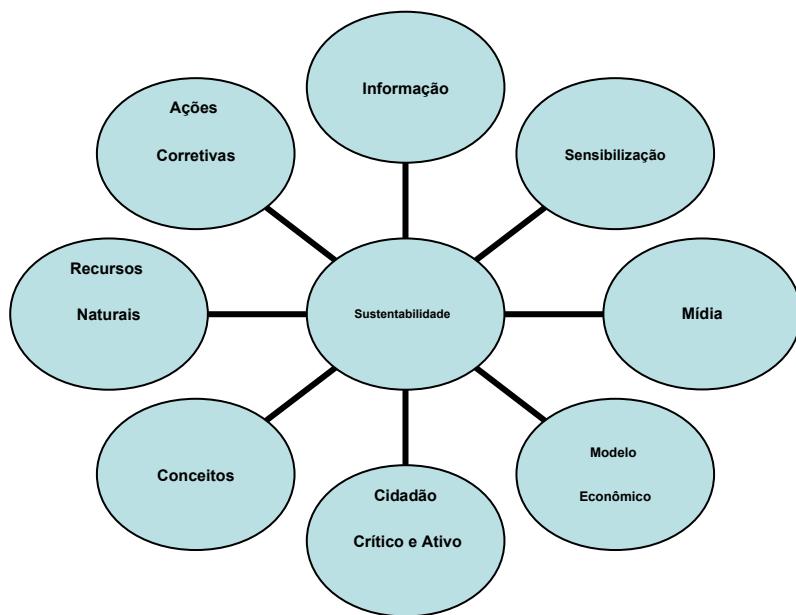
Se, o discurso levado ao público não é neutro, neste trabalho o conceito de sustentabilidade, será fundamentado na concepção apontada acima, articulado ao que GADOTTI (2008), chama de vida sustentável como o

[...] estilo de vida que harmoniza a ecologia humana e ambiental mediante tecnologias apropriadas, economias de cooperação e empenho individual. É um estilo de vida intencional, que se caracteriza pela responsabilidade pessoal, pelo serviço aos demais e por uma vida espiritual significativa. (p. 14)

Partindo desses pressupostos, apostamos em uma Educação Ambiental (EA) voltada para geração de uma cultura sustentável que almeja a construção de um projeto de cidadania planetária a partir de uma mudança individual, interior/espiritual e consciente e, que se constrói, por meio de parcerias solidárias e da interrelação ecológica entre o ser humano e a natureza.

ESFERAS DA SUSTENTABILIDADE

As inter-relações da complexa rede formada pelas dimensões naturais e culturais que perpassam (e marcam) a vida individual e coletiva das sociedades humanas são denominadas, nesta pesquisa como Esferas da sustentabilidade, cuja tessitura ainda frágil neste momento histórico, podem ganhar resistência e força quando tomadas como referência norteadora e provocadora de discussões nos diferentes espaços educativos (formais e informais).



Esferas da Sustentabilidade - elaboração de SPULDARO (2009).

Restabelecer o diálogo entre as diferentes ciências, estreitando a distância entre os saberes científicos e os saberes escolares é o primeiro passo para a efetivação de uma EA que venha favorecer novas formas de aproximação do ser humano consigo mesmo e novas leituras de mundo que permitam a superação de todas as formas de exclusão social, como a fome, a miséria, as doenças, a lucratividade a qualquer preço, entre outras.

No contexto escolar, essas discussões podem ser materializadas em diferentes estratégias de ensino no campo da educação ambiental (EA). Ressalta-se que enquanto espaço de diferentes posicionamentos políticos e epistemológicos, a escola, é também um *lócus* de discursos recorrentes e sedutores. Porém, acredita-se que a EA possa abrir caminhos para “denúncias e anúncios” nas discussões que envolvem a sustentabilidade, tendo em vista a formação de uma cidadania local/global pautada no “sonho” da conquista de uma ética universal.

As estratégias utilizadas como instrumento que possibilitam a expansão do conhecimento sobre sustentabilidade junto aos alunos da escola campo de intervenção se fizeram por meio de discussões, reflexões e atividades integradoras.

A crença de que existem alternativas de ações corretivas presentes no cotidiano de cada indivíduo inserido na concepção de conscientização ambiental fortaleceu a idealização de formação de agentes transformadores, buscando o autoconhecimento e a valorização do papel singular, pensando no bem estar social e reconhecendo a importância de garantir o bem estar de gerações futuras. Para tal, TAYRA³ afirma que “[...] as necessidades humanas são determinadas social e culturalmente, isto requer a promoção de valores que mantenham os padrões de consumo dentro dos limites das possibilidades ecológicas.”

Tomando ainda, como referência, o entendimento de que,

é fundamental e indispensável que a sociedade incorpore a visão de que os recursos naturais só estarão disponíveis para a atual e as

³ Disponível em: <http://www.semasa.sp.gov.br/admin/biblioteca/docs/doc/conceitodesenvsustent.doc>
Acesso: 26/05/09.

futuras gerações se utilizadas de modo racional, compatível para a preservação e os tempos de regeneração e recuperação dos que forem utilizados (PAMA/MEC 2001).

Essas reflexões orientaram a organização metodológica das ações desenvolvidas durante a intervenção. Para iniciar a organização do trabalho pretendido, houve a criação de um mapa conceitual coletivo que representasse as principais ideias e conceitos oriundos das discussões teóricas realizadas até o momento durante o Curso de Ciências Biológicas, e que pudessem ser abordadas de diferentes maneiras em instituições de ensino formais. Em seguida, a criação de um mapa conceitual individual interligou a síntese elaborada coletivamente e o objeto de pesquisa na busca pelo contexto ideal a ser efetivado na E.E.B. XV de Junho (Itajaí/SC).

O reconhecimento do perfil dos alunos serviu como suporte para tornar suscetível a realização do planejamento de aula com critérios que levassem em consideração, o nível de desenvolvimento e a faixa etária dos alunos da 3^a série do ensino médio – adolescentes com faixa etária entre dezessete (17) e dezenove (19) anos, sendo, dezessete (17) do sexo feminino e 3 do sexo masculino. O diagnóstico se fez por meio de observações sistematizadas e tornou possível a percepção de que existe: a) certo receio referente à intervenções praticadas por estagiários(as) em relação à acontecimentos ocorridos anteriormente; b) uma preocupação acentuada com a formatura e com o vestibular – o “tempo tomado” pela viabilização da pesquisa em relação a carga horária destinada ao Ensino de Biologia (não entrando aqui no mérito da concepção que permeia o Exame Nacional do Ensino Médio – ENEM)⁴. Isso aumentou nosso compromisso em propor intervenções responsáveis, diferenciadas e motivacionais que priorizassem a opinião e participação dos alunos de maneira tal que o sentimento de valorização se tornasse presente em cada indivíduo.

A comunidade local (percepções empíricas) representada pelos alunos demonstrou disposição em ter uma atuação diferencial quanto o assunto é economia local, tornando possível a introdução de abordagens de sensibilização ambiental relacionadas ao modelo econômico capitalista, sem estar fazendo uso de discurso generalizado e descontextualizado, tendo como eixo norteador as discussões sobre consumo exagerado e influência da mídia na educação para sustentabilidade.

Englobando estes diagnósticos com as orientações apontadas pela professora regente de classe, as considerações referentes aos conteúdos pretendidos e a sistematização dos objetivos de aprendizagem explicitados no plano de intervenção fez-se a escolha e a preparação do material didático-pedagógico.

As estratégias de ensino tiveram como foco: a sensibilização ecológica a partir das categorias que compõem as esferas da sustentabilidade, a tradução do conhecimento teórico apreendido em ação e a integração de diferentes saberes por meio de diversas alternativas. Apresento a seguir as atividades desenvolvidas com um breve comentário sobre o vivido.

Uma dinâmica de socialização foi realizada com a turma durante a primeira intervenção. Com objetivo de ‘quebrar o gelo’ a dinâmica de grupo Enfrentando desafios baseava-se no contexto de que dentro de uma caixa, repassada entre os alunos posicionados em círculo, continha um desafio que, se não realizado, deveria

⁴ BRASIL. Ministério da Educação. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais. Exame Nacional do Ensino Médio: Documento Básico. Brasília, 1998.

ser convertido em um ‘mico’. A turma se apresentou animada e participativa, e quando a caixa foi aberta e a ordem escrita “Coma este chocolate sozinho(a)” foi lida, a diversão e a surpresa proporcionaram o momento de descontração intencionado. O discurso de finalização era fundamentado na ideia de ver nos desafios que a vida impõe as possibilidades de crescimento pessoal/profissional - muitas vezes estes desafios são percebidos com uma visão pessimista, mas que podem ser convertidos em realizações bem sucedidas e surpresas recompensadoras.

Em parceria com a professora da disciplina de Artes, palavras-chaves foram distribuídas para os alunos do 3º ano do ensino médio, com intuito de pesquisa de conceitos para posterior efetivação da prática. Esta atividade chamada de Teia dos Conceitos realizou-se com a participação ativa dos alunos, onde, a partir da socialização dos conceitos encontrados cada aluno(a) buscava e justificava a relação entre os conceitos das palavras concebida a partir da palavra-chave escolhida e a palavra-chave apresentada. Resultando em um mapa conceitual e na elaboração de um cartaz contendo um ‘Hipertexto’, que foi exposto na parede do corredor da escola posteriormente.

Para subsidiar o início da discussão sobre sustentabilidade, o vídeo A História das Coisas⁵, foi utilizado como referência, pois apresenta argumentos sobre o sistema econômico capitalista e os interesses políticos e sociais interligados ao cotidiano e a problemática do consumismo, o foco de formação/sensibilização.

A atividade O que o meio ambiente tem a ver comigo? complementou a discussão baseada no vídeo, o preenchimento de uma tabela a partir das situações do cotidiano incentivou a pesquisa sobre as ligações efetivadas a partir das escolhas individuais envolvendo consumo e recursos utilizados.

Identificar valores morais e possibilitar momentos de autoconhecimento foi a intenção da apresentação em *powerpoint* chamada Normose: a doença de ser normal com imagens e textos reflexivos. Em seguida, a representação por intermédio de símbolos e/ou palavras dos valores, habilidades, limites pessoais, entre outras características, originando uma Bandeira de vida pessoal, socializada em grupo e que tinha por objetivo, além do autoconhecimento, a compreensão e identificação em relação a personalidade dos colegas de sala de aula, permitindo a floração de sentimentos como tolerância, admiração e amizade. Pois, antes de querer modificar o mundo presente ao redor, é necessário que ocorra a mudança individual e interior, e para mudar é preciso conhecer.

A influência na mídia na educação para sustentabilidade foi discutida a partir da exibição do vídeo O Consumismo⁶. Análise de anúncios de diferentes produtos presentes no mercado possibilitou a percepção das manipulações subjetivas e permitiu uma leitura crítica sobre o uso das imagens utilizadas pela mídia. Para complementar, a criação de um anúncio foi realizada pelas(os) alunas(os) que, socializaram e avaliaram os resultados apresentados pelos colegas e suas estratégias de incentivo ao consumo.

O Mundo em nossas mãos representou por meio de imagens re’criadas, a incoerência do sistema capitalista e o uso sustentável dos recursos naturais. Uma mini-gincana permitiu momentos de decisão em grupo, pois exigia a avaliação de situações ambientais descritas com finalidade de serem caracterizadas como verdadeiras ou falsas.

⁵ Disponível em: <<http://www.youtube.com/watch?v=ZpkxCpxKill>> Acesso: 18/09/09.

⁶ Disponível em: http://www.youtube.com/watch?v=0vN_gc8hMs Acesso: 20/09/09.

O vídeo Home: o mundo é a nossa casa⁷, buscou ‘finalizar’ a teoria sobre a atividade humana e suas consequências no planeta e no equilíbrio dinâmico dos ecossistemas, unindo imagens, sons e textos. Um texto crítico foi produzido pelas(os) alunas(os), onde a reflexão, a interrelação com o que foi discutido até aquele momento e a criticidade em relação ao documentário estiveram englobados coerentemente, com objetivo de perceber a eficiência das estratégias de sensibilização e a possível mudança de atitude frente a sustentabilidade.

Aula expositiva e dialogada; jogos de simulação; exibições de vídeos e oficina (customização de roupas, aromatizador de ambientes, malabaris) foram outras estratégias utilizadas durante a intervenção. Dentre elas, as atividades mais marcantes e atraentes para as(os) alunas(os) foram a mini-gincana e a oficina, pela valorização dada ao trabalho em grupo, pela participação intensa viabilizada pela vivência da teoria na prática e pela percepção de que as soluções práticas estão relacionadas com a economia sustentável, com o amadurecimento do pensamento crítico e com atitudes pessoais que influenciam o coletivo.

À medida que as diferentes estratégias de ensino foram sendo vivenciadas foi possível perceber, o quanto “o discurso da sustentabilidade” no contexto escolar formal mantém ainda um distanciamento entre o plano das ideias e o plano das ações. Porém, ao mesmo tempo, encontramos neste espaço alunas(os) com a “cabeça aberta” para a “reforma do pensamento” vislumbrando a construção de novos estilos de desenvolvimento humano.

CONSIDERAÇÕES GERAIS

Os diálogos estabelecidos e a reflexão pessoal proporcionados durante o transcorrer do estágio supervisionado me fez compreender o significado deste no processo de formação inicial de docentes para a educação básica como instrumento que possibilita a percepção e a reflexão da ação e sobre a ação, contribuindo para o desenvolvimento do pensamento argumentativo.

Uma fundamentação teórico-prática sólida permite que o acadêmico-professor desenvolva esta habilidade, pois como formador de opinião ele é um agente que pode contribuir muito no processo de sensibilização das sociedades letradas, para que estas também possam compreender que a sedução pelas palavras dos e nos discursos sobre questões ambientais pode implicar na (sobre)vivência (ou não) do planeta Terra.

A cultura herdada pela atual geração, seja pela manutenção da visão antropocêntrica de mundo, seja pelo entendimento de interdependência entre todos os seres e a necessidade de recuperação do equilíbrio sistêmico natural, tende a inclinar para o comprometimento, valorização e respeito com o meio ambiente.

A educação ambiental como instrumento para a formação da cidadania, aumenta as possibilidades de formação de uma atitude ecológica local/global se tornar algo real e possível de ‘construir’ em sala de aula e que por meio de ‘efeito dominó’ pode ser estendido à comunidade e às gerações futuras.

A medida que, a apropriação de conceitos e as reflexões/percepções sobre as escolhas e ações individuais e coletivas foram sendo construídas foi possível

⁷ Disponível em: <http://www.youtube.com/watch?v=7jzoAIKUqXk> . Acesso: 15/10/09.

vislumbrar que a concretização de uma educação ambiental comprometida com a formação da cidadania crítica e ativa é possível.

Ficou mais evidente, o quanto o planejamento das ações educativas é parte fundamental na prática docente, pois as palavras chegam aos estudantes recheadas de expectativas, com diferentes sentidos e significados promovendo encontros entre alunos e professor, sustentados pelo diálogo. Há uma coerência entre o que pensamos, como pensamos e a favor de quem pensamos. Nessa perspectiva, o sujeito da docência precisa garantir na sua ação um posicionamento coerente entre os pressupostos epistemológicos do conhecimento que ensina e o conhecimento científico. A integridade ética tem a energia necessária para transformar espiritualmente àqueles que, por algum motivo, ainda não fazem menção da importância e da responsabilidade que cada indivíduo possui para com a Terra.

A moda ‘verde’ é uma das responsáveis pelo discurso recorrente da sustentabilidade, envolvendo muitas problemáticas que devem ser estudadas e reavaliadas com responsabilidade pelos governantes e assumido por toda humanidade, evitando pensamentos utópicos e buscando alternativas viáveis à ambos. Enquanto isso, a educação ambiental promove sua caminhada rumo à geração de uma nova sociedade, consciente e capaz de ser sustentável e garantir a cultura de preservação ambiental como fator intrínseco à continuação da vida no planeta, com valores e atitudes protagonistas de um futuro comum de paz e harmonia entre os seres.

Por fim, reconhece-se como emergencial, a inserção de problemáticas socioambientais nos currículos escolares – a problematização e a contextualização do conhecimento como eixo metodológico é um dos caminhos para o desenvolvimento do pensamento argumentativo, da reflexão crítica enquanto possibilidade de leitura da mensagem existente nas “entre-linhas” de discursos que no emprego das palavras, tem aparentemente a mesma intenção. Aparentemente...

REFERÊNCIAS

GADOTTI, M. **Pedagogia da Terra**. 2. ed. São Paulo: Peirópolis, 2000.

_____. **Educar para uma vida sustentável**. Revista Pátio, Porto Alegre, Ano XII, n. 46, p. 13- 15 , maio/junho. 2008.

REIGOTA, M. **Ciência e Sustentabilidade: a contribuição da educação ambiental. Revista da Avaliação da Educação Superior de Campinas**. São Paulo, v. 12, n.2, p. 219-232. Jun/2007.

SOUZA, N.M. **Educação Ambiental: Dilemas da Prática Contemporânea**. Rio de Janeiro: Thex, 2000.

TAYRA, F. **O conceito do desenvolvimento sustentável**. Disponível em: <www.semasa.sp.gov.br/admin/.../docs/.../conceitodesenvsustent.doc>. Acesso em: 26 de maio de 2009.